



PRECONCEITO SEXUAL: OLHARES DE ALUNOS DE PSICOLOGIA

Valdeci Gonçalves da Silva

Doutora Isabel Maria Marques Mesquita (Orientadora)

Universidade de Évora-PT, valdecipsi@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa, de natureza qualitativa analítica, com uma amostra de 20 alunos, teve como objetivo verificar o Preconceito Sexual no universo acadêmico da psicologia em Portugal e no Brasil. Seu referencial teórico se consistiu nos conceitos de G. M. Herek, M. Foucault, S. Freud e outros. Foram utilizados Questionário sociodemográfico, Entrevista semiestruturada e o Teste de personalidade HTP. Os discursos foram submetidos à Análise do Discurso na vertente foucaultiana e na Subjetividade de González Rey. A média de idade dos alunos é de 26 anos, são similares quanto ao estado civil, condição socioeconômica e religião; não identificam discriminação nas suas faculdades, mas, alguns brasileiros, sob a forma de “brincadeiras”, revelam preconceito sexual sutil. A maioria aceita que homossexuais tenham os mesmos direitos dos heterossexuais, mas alguns alunos, das duas nacionalidades, fazem restrições ao “casamento gay” e à adoção de criança por casal desse tipo. Alunos brasileiros estão mais satisfeitos com conteúdos sobre homossexualidade vistos na faculdade privada, do que os da pública, e portugueses da faculdade pública quanto da particular estão descontentes. Grande parte dos alunos deseja psicologia clínica, e se reconhece despreparada para atender LGBTs. Alunos brasileiros são menos tolerantes a psicólogo que tem preconceito sexual do que os portugueses, mas ambos consideram que deve superar ou esconder, do paciente homossexual, esse preconceito. Finalmente, alunos mais seguros da própria identidade sexual tendem a ser mais coerentes e tolerantes com os homossexuais. Esses futuros psicólogos, de modo geral, se mostram abertos para a aceitação da pessoa, independente dessa sua sexualidade.

Palavras-chave: preconceito, aluno, psicologia, discurso, LGBTs.

I - INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa

As discriminações legais são bem menores do que as reais, sobretudo em seleção para emprego e no local de trabalho, homossexuais jovens, mais do que os adultos, experimentam depressões e tentativas de suicídio (BOZON, 2004). O Brasil que tem a maior passeata gay do mundo,

paradoxalmente, é campeão mundial em assassinatos de homossexuais. O Projeto 234/2011, do deputado João Campos (PSDB-GO), apelidado de “cura gay” (Câmara dos Deputados, 2012), visava sustar, em especial, o Parágrafo Único, de que “Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”, do Artigo 3º, da



Resolução 001/1999 do Conselho Federal de Psicologia (2013, p.2), mas acabou sendo arquivado.

As atitudes negativas, em relação às pessoas LGB, são dominantes entre os estudantes universitários (JAYAKUMAR, 2009). Mas, também há preconceito sexual no exercício profissional da psicologia. Terapeutas portugueses ainda interpretam a homossexualidade como negativa, comportamento contra a natureza, *déficit* ou falha (MOITA, 2001). Professoras brasileiras que atuam na clínica psicológica, não aceitam a Resolução 001/1999 do CFP (CAMINO e PEREIRA, 2000). O foco deste estudo no masculino se deve ao fato do mestrado do seu autor ter sido nessa perspectiva, além que os *gays* são mais vitimizados do que as lésbicas (FERNANDES, 2011).

A partir do exposto se questionou: Existe preconceito sexual nos universos acadêmicos da psicologia em Portugal e no Brasil? O que há de comum e de divergente entre esses dois países de continentes distintos, mas interligados pela história e pela mesma língua?

1.2. Objetivos do Estudo

Compreender o Preconceito Sexual através do olhar do aluno no universo acadêmico da psicologia em Portugal-PT e no Brasil-BR, a partir dos seguintes marcadores:

Identificar nos discursos conotações de preconceito, discriminação ou intolerância sexual; **Verificar** se as impressões a respeito do preconceito sexual têm relação com a própria identidade sexual do aluno; **Conhecer** as subjetividades da visão do homoerotismo como doença (homossexualismo) ou normalidade (homossexualidade); **Sublinhar** a didática da sexualidade LGBTs (lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros) ministrado nas faculdades de psicologia, e o modo do aluno perceber essa sexualidade.

II - METODOLOGIA

2.1. Cenários da Pesquisa de Campo

04 (quatro) Faculdades de Psicologia: 02 (pts) e 02 (brs).

- Faculdade **X** (pública), no interior de Portugal, e **Y** de Lisboa-PT (privada), na capital de Portugal, situada na zona ocidental da Península Ibérica;
- Faculdade **X** (pública), no interior da Paraíba-PB, e **Y** de João Pessoa-PB (privada), capital desse Estado, localizada no ponto mais oriental das Américas.

2.2. Critérios de Inclusão e de Exclusão

Inclusão: alunos de psicologia de ambos os sexos, e que assinassem o Termo de Consentimento Informado (TCI/PT) ou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



(TCLE/BR), conforme o país; **Exclusão:** alunos que não estivessem cursando psicologia nos cenários da pesquisa.

2.3. Amostra dos Sujeitos

- 20 alunos: 10 pts e 10 brs (01 aluno de cada ano letivo das 04 Faculdades).
- Siglas de identificação dos alunos: AIPT (Aluno de Portugal): Alpt/1,... Alpt/10; AIBR (Aluno do Brasil): Albr/1,... Albr/10.
- Recrutamento dos sujeitos: com exceção de uma Faculdade portuguesa, feito pelo pesquisador, nas demais foram os Representantes do curso.
- Portugal (pós Bolonha/2008), 3 anos (Licenciatura) e 2 anos (Mestrado) = 5 anos; Brasil, 4 anos (Licenciatura) e 1 ano (Formação de Psicólogo) = 5 anos .

2.4. Instrumentos de Coleta de Dados

Entrevista semi-estrutura - 15 questões com base na literatura, e gravada em aparelho de áudio digital.

Teste HTP (House-Tree-Person) - obtém, por meio da projeção no desenho, dados da personalidade e de áreas de conflitos, para *avaliação* ou terapêutico (BUCK, 2003).

Somente a fig. humana foi aplicada, por atender, totalmente, a demanda da pesquisa.

Tempo de aplicação dos instrumentos - individual, sessão única, média de 50 min.

2.5. Tratamento dos Dados

Fundamentação teórica - referenciada nos conceitos de G. M. Herek, S. Freud, E. Goffman e outros;

Entrevistas - transcritas e enquadradas num Guião com cinco Blocos Temáticos;

Análise dos discursos - os discursos foram analisado com base na AD de Foucault (2004), que não objetiva descobrir verdades ocultas; e na ótica da Subjetividade de González Rey (2005a/b), que está constituída no *indivíduo* tanto quanto nos seus diferentes *espaços sociais*, ambos constituintes dessa mesma subjetividade.

Teste HTP - figura do mesmo gênero do examinando: “indício de identificação com o papel característico do próprio sexo” (KOLCK, 1984, p.27). Diferente pode significar: Inversão sexual; Confusão de identificação sexual; Forte afeto ou dependência ao genitor do sexo oposto; Regressão ou estágio narcisístico (HAMMER, 1958).

- Identidade Masc./Fem; “Masc.”/“Fem.” (aspados) = desenho ambíguo (com traços do sexo oposto) ou duplicado (é para desenhar apenas uma figura).
- Os discursos foram relacionados aos *gêneros dos desenhos* e categorizados: **Coerente:** perspectiva sempre positiva da homossexualidade; **Tolerante:** sem



preconceito e/ou discriminação;

Oscilante: visão positiva, mas, por vezes, atravessada por incertezas;

Intolerante: preconceito sutil e/ou explícito.

III - RESULTADOS

3.1. Resultado Sociodemográfico

3.1.1. Idade dos alunos:

PT = média de 26,5 / BR = média de 25,5. Alpts são mais velhos do que os albrs.

Média geral = 26 anos

3.1.2. Estado civil dos alunos:

14 solteiros (70%); 04 casados (20%); 02 divorciados (10%). Alunos pts e brs se equiparam.

3.1.3. A nacionalidade dos alunos:

08 pts (40%) e 12 brs (60%). Entre os alpts tinham duas alunas bras.

3.1.4. Ocupação/profissão dos alunos:

PT (60% estudam; 40% trabalham); BR (80% estudam; 20% trabalham).

Mais alpts trabalham do que os albrs.

3.1.5. Religião dos alunos:

PT (60% católicos; 30% agnósticos; 10% não citaram); BR (50% católicos; 10% evangélicos; 10% espíritas; 30% não

citaram). A religião católica praticamente predomina nos dois países.

3.1.6. Posição política dos alunos:

PT (20% Partido socialista, 10% Centro, 70% não tem Partido); BR (20% Partido socialista, 10% Centro, 50% não tem Partido, 20% Direita). Alpts e Albrs apresentam uma diversificação similar na posição política.

3.1.7. Nível socioeconômico dos alunos:

PT (10% classe média alta, 70% classe média; 20% classe baixa); BR (20% classe média alta, 70% classe média; 10% classe baixa).

O nível sócio econômico médio dos alpts em relação aos albrs é igual, quanto às classes alta e baixa, há uma inversão, menos favorecidas para os alpts, porém, não muito acentuada.

3.1.8. Gênero dos alunos:

PT (30% sexo masculino, 70% sexo feminino); BR (70% sexo masculino, 30% sexo feminino). Inversamente proporcional, PT predomina feminino, BR masculino.

3.1.9. Identidade sexual dos alunos:

Total: 19 heterossexuais (95%); 01 bissexual (05%).



3.2. Resultado do Teste Projetivo Gráfico

H-T-P

Tipos de Discursos:

A) Coerente/Tolerante - CT:

“Eu vejo como completamente normal. São pessoas. E eu tenho amigos homossexuais, [...] me dou, se calhar, melhor do que com amigos heterossexuais...” (Alpt/2).

B) Oscilante/Tolerante - OT:

“Eu diria que não tenho preconceito... Às vezes, eu entrava em conflito, se era uma variação genética,... e não um transtorno, uma doença como muita gente pensa” (Albr/2).

C) Oscilante/Intolerante - OI:

“Estou no limiar de não apreciar a homossexualidade... mais *expansiva*, não consigo lidar com ela. [...]. Existem aqueles homossexuais que ninguém percebe, porque é uma condição muito interna deles, não me incomoda minimamente...” (Alpt/8).

3.3. Resultado dos Discursos

1º BLOCO TEMÁTICO: Conceituação de preconceito e de discriminação sexual pelo aluno e se os percebem no seu curso.

1.1. Preconceito ligado ao desconhecido, diferente da norma ou habitual

Preconceito ligado ao desconhecido, ao diferente:

“Está associado a uma ideia incompleta e... incorreta..., neste caso, a homossexualidade”(Alpt/5).

Preconceito ligado à cultura e à religião:

“Está... ligado à cultura e às crenças religiosas de cada sujeito e ao que a sociedade permite ser um comportamento aceitável” (Alpt/8).

Preconceito está no indivíduo homossexual:

“Muitas vezes a gente coloca na brincadeira, não no sentido de atacar, como se fosse numa forma carinhosa de tratar. Às vezes,... tipo: ‘eita bicha má!’”(Albr/5).

1.2. Se o aluno percebe preconceito sexual na sua faculdade

Identificam:

“Ainda acontece muito quando se quer ofender alguém... chamar-lhe gay ou paneleiro. Existem no curso vários homossexuais, algumas pessoas evitam está com eles por esse motivo”(Alpt/1).

Não identificam:

“Sinto-me tão bem com isso, por ver que estar saindo uma galera... em Humanas com pensamentos diferentes...” (Albr/4).

Assumem seu próprio preconceito:

“Temos o que nós aqui apelidamos de bichas e com essas bichas eu não consigo me relacionar. Por norma adoto uma postura defensiva” (Alpt/8).

1.3. Conceção da discriminação sexual

Conceção objetiva:

“A discriminação sexual surge do preconceito sexual” (Alpt/2).

Conceção subjetiva:



“Se você tem intenção, aí só é a questão de discriminar, mas se for de uma forma afetuosa, que não tem intenção de magoar... não seria... discriminação” (Albr/5).

Declara-se agente da discriminação:

“Contribuo para ela (discriminação). Se um colega apresenta um comportamento homossexual *intrusivo* [...], não vai gerar as diferenças, mas se for... *expansivo*... vai ser posto de lado por mim e... irei influenciar os meus pares. Portanto, ele será um excluído desse grupo, seja um grupo profissional... candidatura a emprego... será sempre discriminado” (Alpt/8).

2º BLOCO TEMÁTICO: Acolhimento didático da diversidade sexual na faculdade.

2.1. O curso contribui para refletir o preconceito sexual?

Contribui:

“Alguns professores abordam isso (a homossexualidade)... e sempre fica bem claro que qualquer tipo de preconceito não é válido, é ignorância” (Albr/1).

Não contribui:

“Tem cadeiras de sexualidade... que falam muito sobre qual é a sua *opção*, se é hetero, se é homo, se é bi. [...]. Mas, não contribui, não” (Albr/8).

2.2. Preparação do futuro profissional para atender LGBTs

Prepara, mas não satisfatoriamente:

“Aqui na X já começa a trabalhar essa temática tão importante que é o *homossexualismo* (sic), tão divulgada

ultimamente em redes sociais, na mídia... Deveriam dar um foco maior nas universidades, não que não deem, mas... é ainda de forma muito superficial...” (Albr/9).

Não prepara:

“Nessa área... não temos qualquer tipo, nem de teoria e nem de prática... zero. É um assunto que não é, simplesmente, abordado desde o início até agora (mestrado)” (Alpt/4).

3º BLOCO TEMÁTICO: Categorização da homossexualidade em termos normativos: normalidade ou doença.

3.1. A homossexualidade normal:

“Como não considero uma doença, e acho que foi correto retirarem do DSM, e. g., e de todos os livros aonde isso vinha cotada como uma doença... para mim é uma coisa natural” (Alpt/9).

3.2. Reorientação sexual:

Não acreditam:

“É uma estupidez uma pessoa ser, ter uma orientação homossexual e querer mudar isso. Porque... não é uma coisa, tipo: uma doença que se tenha. [...]. Não tem cabimento” (Alpt/3).

Têm dúvidas:

“Não sei se daria certo, porque se a pessoa gosta daquilo (homoerotismo), como é que irá convencê-la a não gostar mais? Não sei!” (Albr/6).

3.3. Psicólogo que tem preconceito sexual

Não admitem:



“Não é para ter preconceito, é para ajudar de uma forma geral, independentemente de ser homo, bi, hetero” (Albr/8).

Admitem:

“Embora tenhamos um código de ética, mas, somos pessoas, e se as pessoas cá fora têm preconceito, vai levá-lo lá para dentro (do consultório)... O mundo e a sociedade em que vivemos as pessoas são preconceituosas, incluídos os psicólogos, não somos diferentes”(Alpt/2).

Psicólogo deve esconder seu preconceito:

“Existe em toda gente os preconceitos, mas acho que um psicólogo deve tentar manter-se o mais fora disso possível, e quando a frente de um *gay* ou uma *lésbica*,... deve manter-se o mais imparcial possível, embora tenha seus preconceitos, claro” (Alpt/3).

4º BLOCO TEMÁTICO: O discente como possível agente do preconceito sexual.

4.1. Origem da homossexualidade

Base genética e social:

“Tem uma origem traumática e uma origem biológica... Portanto, penso que será também uma *escolha*”(Alpt/5).

Base pessoal e/ou social:

“É muito do indivíduo, muito do ambiente. [...]. Então... não há algo genético, não há algo hereditário” (Albr/7).

Não sabem:

“Nunca pensei nessa questão. Não sei, não sei responder...” (Alpt/1).

4.2. Amizade entre heterossexual e homossexual

Normal:

“Tenho amigo *gay* e acho absolutamente normal. [...]. Isso não faz dele diferente de mim, não, é uma pessoa comum. Para mim é normal... entende?” (Albr/1).

Precondições:

“Sou hetero. Tiro muita brincadeira com amigos *gays*,... muita brincadeira. Mas na medida em que eles saibam me respeitar” (Albr/2).

Intermediada por alguma condição específica:

“Tem dois tipos de heterossexuais.... Um que brinca, respeita e é respeitado pelos amigos *gays*, porque eles sabem do seu posicionamento sexual; o outro que não são tão amigos, conhece porque é o jeito... os usam como um meio de manter contato com as meninas, os ‘amigos’ *gays* arrumam namoradas para eles” (Albr/2).

4.3. A homossexualidade é equivalente a heterossexualidade?

É equivalente:

“É questão do desejo mesmo, de se relacionar com o sujeito que o desperte interesse. Ponto” (Albr/4).

Não é equivalente:

“Não podemos (discriminar), mas, vai contra a uma das principais leis da natureza que é a promoção da espécie humana, então, enquanto homem tenho funções superiores que é a reprodução.... Mas, vai sempre faltar (para os homossexuais) essa peça... chave. Portanto, qualquer que seja a formação, a profissão, são insignificantes para uma coisa que se chama reprodução”(Alpt/8).



5º BLOCO TEMÁTICO: O discente como possível agente do preconceito heterossexista moderno ou sutil.

5.1. Casal homossexual deve ter os mesmos direitos de um casal heterossexual?

Deve ter os mesmos direitos:

“Para mim é normal que tenha os mesmos direitos, se vive em união de facto, por que não há de ter?” (Alpt/5).

Deve ter os mesmos direitos, menos da adoção:

“Existe um ou outro tipo de direito específico que eu acho que não devem ter, e. g., a adoção de crianças” (Alpt/8).

5.2. Casamento entre pessoas do mesmo sexo

Aceitam:

“Normal, quando existe amor não importa qual é o sexo” (Albr/8).

Aceitam com alguma restrição:

“Mas, acho que o casamento (*gay*) só deveria ter algum cuidado depois com a criação, com a formação dessa criança” (Alpt/7).

5.3. A adoção de bebês e crianças por casal homossexual

Aceitam a adoção:

“O bem da criança é o principal, seja com casal homossexual ou heterossexual” (Alpt/5).

Aceitam a adoção com restrições à identidade sexual e à discriminação da criança:

“A personalidade da criança poderia ser... influenciada por aquele exemplo... diante dela” (Albr/1);

“Acho que tanto o casal quanto a criança tem que ter um apoio... na escola quando começarem o *bullying*, não é?” (Alpt/7).

Não aceitam a adoção:

“Adoção, sou cem por cento contra,... coadoção de crianças, sou cem por cento a favor. Não vejo com bons olhos,... com agrado um casal de homossexuais. [...]. Acho que se não for dessa forma (coadoção) será destruturante para a criança” (Alpt/8).

IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Categorização da homossexualidade em termos normativos: normalidade ou doença

- A maioria dos alunos considera a homossexualidade normal. Alguns acreditam que a reorientação sexual seja possível em criança e adulto com orientação sexual confusa. Para Freud (1920/1976), a conversão de homossexual desenvolvido não oferece perspectivas de sucesso. Masters e Johnson, nos anos 80, ofereciam conversão sexual, mas desistiram por concluir que seria prejudicial ignorar os argumentos para essa mudança (MOITA, 2001).



Conceituação de preconceito sexual e discriminação sexual

- Grande parte dos alunos usa a expressão preconceito sexual e discriminação sexual como sinônimas.
- Para os alpts, mais do que para os albrs, o preconceito sexual está ligado ao desconhecido, ao diferente, sob a influência da religião e da cultura local, sendo mais forte nas regiões interioranas.
- Alpts e albrs criticam o preconceito (ignorância, idiotice etc.). Para os albrs o preconceito nasce no indivíduo. Então, a cultura e a Igreja são inocentadas como instigadoras do preconceito sexual!?
- Poucos alunos identificam preconceito sexual nas suas faculdades, porém duas vezes mais alpts atribuem o preconceito sexual nas suas faculdades ao contexto muito preconceituoso do país.
- Mas, albrs manifestam preconceito sutil, por meio de “brincadeiras”, contra colegas gays da sala.

Preconceito heterossexista moderno ou sutil do aluno de psicologia

- Mais albrs do que alpts acreditam na origem biológica da homossexualidade. A maior parte dos alunos a considera como *desejo*, *escolha* ou *opção*, ao invés de condição ou

orientação. Em igual número, alpts e albrs desconhecem a origem da homossexualidade.

- Para os Alpts, mais do que para os albrs, é normal a amizade com homossexual, ressaltam o bom humor. Mas o homossexual tem que respeitar os limites que eles impõem. Para os albrs, os colegas gays, devido à sua fácil interação com as mulheres, têm função utilitária, são usados como “cupidos” para terem acesso às garotas.
- A maioria dos alunos aceita o casamento entre iguais, e a adoção, mas alguns alpts receiam que a criança sofra discriminação, sugerem não acreditar numa mudança social; e os albrs que pais gays interfiram na identidade sexual da criança. Ou seja, não se dão conta de que os gays foram gerados e socializados por casais heterossexuais.

Acolhimento didático da diversidade sexual na sua da faculdade de psicologia

- Mais albrs afirmam que as faculdades contribuem para refletir o preconceito sexual, mas deveriam oferecer mais discussões, debates etc.
- Os albrs da rede privada são mais satisfeitos com os conteúdos sobre sexualidade, mesmo a homossexualidade, do que os albrs da pública.
- Os alpts das redes pública e particular se mostraram mais insatisfeitos com conteúdos a respeito da homossexualidade.



V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A maioria dos alunos reprova a reorientação sexual, considera a homossexualidade normal, mas alguns, devido à religião, têm dúvida ou não acreditam nessa normalidade.
- No HTP tendem: figura do seu gênero ao discurso *Coerente/Tolerante*; do seu gênero, mas ambígua (com traços do sexo oposto) ou duplicada, ao discurso *Oscilante/Tolerante*; e figura do sexo oposto, ao discurso *Oscilante/Intolerante*, tem preconceito sexual e discrimina.
- Os alunos não identificam discriminação flagrante nas suas faculdades, mas a revela, pelas “costas”, prática habitual nas faculdades pesquisadas nos dois países. Os albrs heterossexuais “brincam” com a condição homossexual dos colegas, isso se caracteriza preconceito sexual sutil.
- A maioria dos alunos aceita que o homossexual tenha direitos de casar e adotar filho(s), mas com restrições. Alguns alunos, com base na Bíblia, reprovam o casamento entre iguais.
- Os albrs, mais do que os alpts, não aceitam que psicólogo tenha preconceito sexual, mas ambos sugerem que é possível separar o pessoal do lado profissional, logo: o psicólogo deve esconder seu preconceito sexual do paciente homossexual.

• Os alpts, mais do que os albrs, se veem despreparados para atender LGBTs, deduz-se certa negligência das faculdades de psicologia, conteúdos sobre homossexualidade, geralmente, são inseridos por professores homossexuais.

• Embora as faculdades não capacitem plenamente os alunos em relação a essa temática, os futuros profissionais da psicologia (PT/BR) parecem mais abertos à aceitação deste diferente, o homossexual, condenado e apedrejado pela Igreja e pelo social. Enfim, conseguem identificar que o sintoma de doença ou patologia, atribuída à homossexualidade, está na sociedade.

VI - AGRADECIMENTO: Aos alunos portugueses e brasileiros do curso de psicologia, sujeitos dessa pesquisa, pela disponibilidade e pela imensa boa vontade e generosidade de colaborarem com este estudo.

VII - REFERÊNCIAS

BOZON, M. (2004). *Sociologia da sexualidade* (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

BUCK, J. N. (2003). *H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação* (1ª ed.; R. C. Tardivo, Trad.). São Paulo, SP: Vetor. (Uso exclusivo de psicólogos).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BRASIL. Câmara dos Deputados. (2012). *Pauta de reunião ordinária, audiência pública Cura Gay dia 27/11/2012*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/ordemdo dia/integras/1037938.htm>>. Acesso em: 12 de jan, 2013.

CAMINO, L.; PEREIRA, C. (2000). O papel da psicologia na construção dos direitos humanos: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação ao homossexualismo. *Perfil*, 13, 49-69.

Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Resolução 001/99 de 22 de março de 1999*. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 13 de jan, 2013.

FERNANDES, S. C. (2011). *Homofobia: Percepção dos discursos sociais e experiência de vitimação de homossexuais* (Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal).

FOUCAULT, M. (2004). *O nascimento da clínica* (6ª ed.; R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

FREUD, S. (1976). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (C. M.

Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada 1920).

GONZÁLEZ REY, F. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação* (M. A. F. Silva, Trad.). São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.

GONZÁLEZ REY, F. (2005b). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios* (M. A. F. Silva, Trad.). São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.

HAMMER, E. F. (1958). *The clinical application of projective drawings*. Charles C. Thomas - Publisher, Springfield: Illinois.

JAYAKUMAR, U. M. (2009). The invisible rainbow in diversity: Factors influencing sexual prejudice among college students. *Journal of Homosexuality*, 56, 675-700. doi: 10.1080/00918360903054095

KOLCK, O. L. (1984). *Testes projetivos no diagnóstico psicológico*. São Paulo, SP: EPU.

MOITA, M. G. M. N. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: a homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de doutoramento não-publicada, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal.